ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **dwyXz73wNinL** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

CIDADES MÉDIAS E GESTÃO TERRITORIAL: ANÁLISE DOS FLUXOS DE GESTÃO PÚBLICA E PRIVADA NA REGIÃO DOS VALES – RS

Autores:
Grazielle Betina Brandt - UNISC - grazielle@unisc.br
Nicolas Billig de Giacometti - UNISC - grazielle@unisc.br
Carolina Rezende Faccin - UNISC - grazielle@unisc.br
Débora Frantz Krug - UNISC - krugdebora@gmail.com

Resumo:

Aborda-se a centralidade e a capacidade de gestão territorial das cidades médias de Santa Cruz do Sul e Lajeado em suas regiões de influência, utilizando como recorte de estudo a Região dos Vales-RS. Revisa-se os conceitos de cidade média e gestão territorial e analisa-se os fluxos de gestão pública e de gestão empresarial, bem como seus reflexos na dinâmica da rede urbana e no processo de desenvolvimento regional. Na análise, utilizou-se os dados secundários da base estatística da RAIS (2014) que nos dá informações referentes ao número de estabelecimentos instalados nos municípios e número de empregados dos mesmos,Censo Demográfico (200 e 2010) e dos estudos REGIC (2007) e Gestão do Território (2014), levantados pelo IBGE, e referentes às formas com que o Estado e o Mercado organizam o espaço regional. O conjunto de fluxos de gestão pública e empresarial, que alcança e se desenvolve no território regional, tem contribuído para aprofundar a urbanização, complexificar as funções urbanas, ampliar a centralidade e o papel de comando dessas cidades médias na região. Foram levantados também dados primários acerca da gestão pública estadual que descrevem a questões estratégicas dada a localização.

CIDADES MÉDIAS E GESTÃO TERRITORIAL: ANÁLISE DOS FLUXOS DE GESTÃO PÚBLICA E PRIVADA NA REGIÃO DOS VALES – RS

INTRODUÇÃO

O processo de urbanização mundial tem apresentado intensa aceleração nas últimas duas décadas. A população urbana mundial passou de 2,3 bilhões de pessoas em 1994 para 3,9 bilhões de pessoas em 2014, com a previsão de alcançar 6,3 bilhões de pessoas em 2050. Esses dados levantados pela ONU evidenciam a expressiva intensidade e velocidade desse processo. Se em 1950, 30% da população mundial vivia em cidades, em 2014, já eram 54% da população do planeta vivendo nelas. Número que tende a ampliar para 60% em 2030 e para 66% em 2050 (ONU, 2014). Tal processo de urbanização mundial revela um modelo de concentração desigual da população, tanto na escala mundial quanto nas escalas continental e nacional do espaço geográfico. Isso tem levado a problemas de desequilíbrio territorial, resultado da intensa polarização das metrópoles mundiais e nacionais, de sistemas urbanos pouco articulados ou descentralizados.

Nesse contexto, embora ainda haja um predomínio dos estudos sobre o processo de urbanização a partir da análise do fenômeno urbano metropolitano, dada a sua representatividade não apenas pela densidade demográfica como pelos problemas urbanos e ambientais apresentados, têm igualmente ocorrido um crescente interesse de pesquisa sobre o processo de urbanização das cidades médias, sua relação com o espaço regional e com o desenvolvimento territorial, através da sua participação e papel de comando nas redes urbanas regionais.

Sobre esses aspectos, cabe destacar as importantes pesquisas e reflexões teóricas e metodológicas desenvolvidas no Brasil, pela RECIME (Redes de Pesquisa sobre Cidades Médias) coordenada por Maria Encarnação B. Spósito (Spósito, 2007 e Spósito e Silva, 2017); na Espanha, pela Cátedra da UNESCO “Ciudades Intermedias, Urbanización y Desarrollo (CIMES), coordenada por Carmen Bellet e Josep Maria Llop (Llop e Usón, 2012 e Bellet e Llop, 2002); na Argentina, por Gorenstein, Hernandez e Landrischini (2012); em Portugal, por Costa (2002) e na França, por Demazière (2017).

Além disso, o tema da urbanização das cidades médias e seu papel na promoção de estruturas urbanas e regionais mais equilibradas também tem sido objeto de atenção por parte dos organismos governamentais. É o caso da União Europeia, Europa, com os estudos desenvolvidos pelo ESPON (Servillo et al, 2014) e do Brasil, com os estudos do CEDEPLAR e sua utilização pelo Ministério da Integração Nacional, quando da formulação da proposta da segunda Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR II), em 2012, que ainda tramita no Congresso Nacional (BRASIL, 2012).

Dentre os muitos aspectos relativos ao processo de urbanização das cidades médias, estão a centralidade e a capacidade de gestão territorial que essas cidades exercem nos espaços geográficos regionais onde estão localizadas. Através das funções administrativas e econômicas, elas se relacionam com sua região de influência, bem como intermediam fluxos

de natureza diversa (pessoas, mercadorias, insumos, capitais, informações, etc.) que circulam entre as áreas rurais e cidades pequenas, que constituem sua região de influência, e as metrópoles.

Nesse trabalho, abordamos a centralidade e a gestão territorial das cidades médias em seus espaços regionais. O objetivo é de analisar as relações que essas cidades estabelecem com sua região de influência através dos fluxos de gestão pública, advindos da atuação descentralizada do Estado, e dos fluxos de gestão privada, resultantes das estratégias e ações de funcionamento do Mercado no espaço geográfico regional. Abordamos ainda os reflexos de tais fluxos na configuração e dinâmica de funcionamento da rede urbana e no processo de desenvolvimento regional. O recorte empírico escolhido para a análise é a Região dos Vales, localizada na zona centro oriental do Estado do Rio Grande do Sul, onde se localizam as cidades médias de Santa Cruz do Sul e de Lajeado. Tais cidades médias desempenham importante papel de centros regionais atraindo os deslocamentos pendulares para trabalho e estudo e polarizando através dos fluxos de comércio e de serviços e dos fluxos de gestão, amplo espaço geográfico no contexto do território regional.

Em termos metodológicos se utilizou os estudos e as contribuições de Spósito (2006) na abordagem e análise das cidades médias e sua relação com o desenvolvimento regional, e os aportes de Corrêa (2006), Ferrão (2012) e Neal (2013) sobre redes urbanas e sua relação com o desenvolvimento e coesão territorial. Os dados secundários utilizados na análise foram levantados através do Censo Demográfico (2010), e dos estudos Região de Influência das Cidades (REGIC) (2007) e Gestão do Território (2014), todos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Priorizou-se a coleta de dados relativos à população total e urbana, e aos fluxos de gestão do território, pública e privada. Após o levantamento e organização dos dados em planilhas eletrônicas, os mesmos foram tratados e analisados através da confecção de gráficos, quadros e mapas temáticos, com a utilização dos softwares QGIS, CorelDraw e Adobe Illustrator.

O artigo, além desta introdução, está constituído por outros três tópicos. Num primeiro, apresentamos o que estamos entendendo por gestão territorial e cidade média, a relação da cidade média com a região e com a rede urbana, e como as mesmas desenvolvem sua gestão territorial através dos fluxos de gestão pública e privada. No segundo tópico, realizamos uma breve e sintética caracterização socioespacial da Região dos Vales no Rio Grande do Sul, das cidades médias de Lajeado e Santa Cruz do Sul, e da rede urbana regional. Por fim, no terceiro tópico, analisamos as principais características da gestão do território realizado por ambas as cidades, e sua relação com o desenvolvimento territorial e com a rede urbana regional. Para tanto, analisamos os dados relativos aos fluxos de gestão pública e de gestão empresarial, respectivamente comandados, e realizados ou atraídos por essas duas cidades médias no espaço regional, e sua relação com a dinâmica territorial.

1- CIDADES MÉDIAS E GESTÃO DO TERRITÓRIO

O conceito e a definição de cidade média estão em construção. Não há uma definição consensual a respeito, dada a especificidade e diversidade da classificação e tipologia urbana empregada em cada país. Ora vamos ter a sua definição baseada no critério demográfico, ora pela centralidade e funções urbanas das cidades (SPOSITO,2007). Além disso, os critérios utilizados para sua definição dependem dos objetivos dos especialistas na análise e

implementação das políticas públicas específicas (MOTTA e MATA, 2008). De todo modo, pensamos que sua definição não deva estar apenas vinculada ao tamanho da sua população, como faz o IBGE ao classificar como média as cidades que apresentam entre 100 e 500 mil habitantes. Embora o tamanho demográfico seja um dado importante a ser considerado, a definição de cidade média deve também estar vinculada ao papel, à função que a cidade desempenha regionalmente, exercendo forte relação com a região na qual está localizada.

A noção de cidade média que pensamos mais adequada, e que utilizamos neste trabalho, é a que corresponde às cidades que além de possuírem um contingente demográfico expressivo, no contexto regional, também apresentam uma concentração e centralização econômicas e uma consolidada função de intermediação econômica e de serviços públicos, e de fluxos diversos, entre sua hinterlândia e a metrópole. Além disso é preciso também considerar os níveis das atividades econômicas resultantes da confluência dos sistemas de transporte e logística, e a reconfiguração espacial advinda da incorporação de novas atividades ao setor agropecuário que, por sua vez, redefinem a indústria, o comércio e os serviços, e as funções e centralidade urbana das cidades médias (SPOSITO, 2007; SANTOS e SILVEIRA, 2001; OLIVEIRA e SOARES, 2014).

Por sua vez, adotamos aqui o conceito de gestão do território como propõe Corrêa (1992, p.35). Ela "constitui-se em uma faceta da gestão econômica, política e social, a ela estando subordinada, mas também a condicionando. É a dimensão espacial do processo geral de gestão, confinando-se ao espaço sob controle de um Estado ou de uma dada empresa".

As cidades, como centros de organização da vida social, em suas dimensões econômicas e políticas, e espaços de concentração da população e das atividades produtivas e de serviços públicos e privados, se constituem em unidades de referência no território, nas e a partir das quais, diferentes estratégias e ações de gestão são acionadas tanto pelo Estado como pelo Mercado. Estes buscam garantir sua reprodução, através de uma dada organização espacial dos seus fixos, ou objetos geográficos, e de seus fluxos ou ações, em uma perspectiva multiescalar: combinando simultaneamente e de modo desigual, ações de gestão nas escalas do município, da região, do país, e do espaço global.

Assim como as metrópoles desempenham destacado papel na gestão do território na escala mundial, as cidades médias igualmente apresentam relevante atuação na gestão territorial, notadamente na escala regional onde estão inseridas espacialmente e onde atuam, através da função de intermediação de fluxos de naturezas diversas.

Os processos de gestão territorial que as cidades médias centralizam e através dos quais exercem influência regional, estão vinculados ao controle que o Estado, através da sua organização e da gestão de serviços públicos, estabelece no/do espaço. Igualmente têm importância para a gestão territorial das cidades médias, as ações e estratégias de organização, controle e de uso espacial, coordenadas pelos grupos empresariais, através das suas sedes instaladas nessas cidades, ou das suas filiais atraídas por aquelas cidades. Ações e estratégias que possuem como objetivo o controle da organização do espaço, ou seja, "a criação e controle das formas espaciais, suas funções e distribuição espacial, assim como determinados processos como concentração e dispersão espaciais, que conformam a organização do espaço em suas origens e dinâmicas" (CORRÊA, 1992, p.115).

Portanto, a gestão do território, focalizada em centros urbanos, a partir de organizações descentralizadas e corporações multifacetadas e com múltiplas localizações, é

o meio através do qual é viabilizada a criação e a manutenção de diferenças econômicas e sociais no âmbito dos espaços regionais.

Os papéis e as funções desempenhadas pelas cidades médias no contexto de organização e funcionamento da rede urbana regional, através dos fluxos de gestão territorial, se apresentam como dimensões fundamentais para análise da dinâmica do desenvolvimento territorial. Busca-se aqui, apreender como esses processos tem se apresentado na região dos Vales, do Rio Grande do Sul.

2- BREVE CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DOS VALES-RS E DAS CIDADES MÉDIAS DE SANTA CRUZ DO SUL E DE LAJEADO

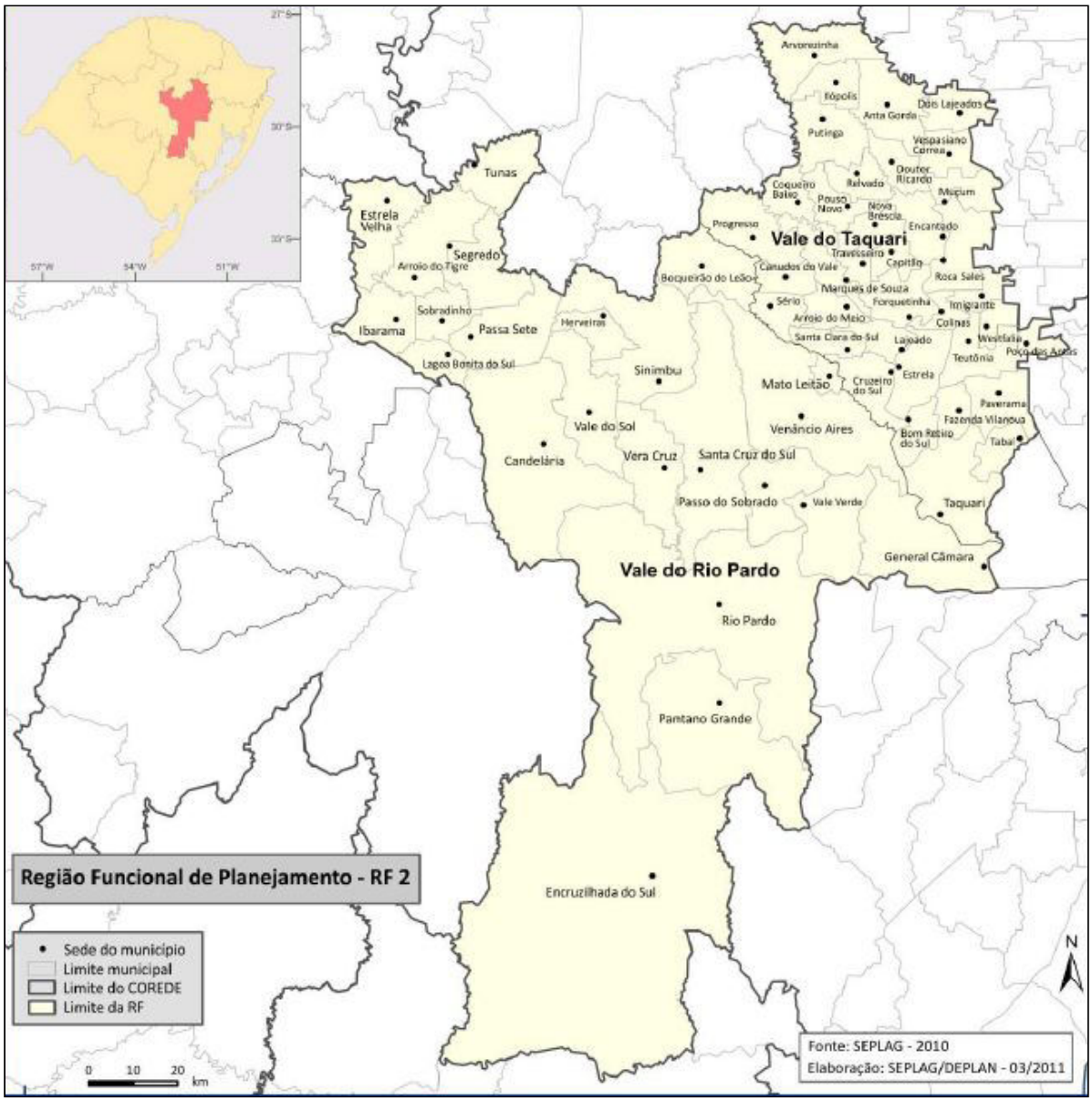
A Região dos Vales é constituída pelo espaço geográfico contínuo das sub-regiões contíguas do Vale do Rio Pardo e do Vale do Taquari, e se constitui, para fins de planejamento territorial do Estado, na Região Funcional 2, localizada na porção centro oriental do Rio Grande do Sul (Figura 1).

No final do século XIX, o espaço geográfico da região dos Vales, especialmente em suas porções central e norte, foi colonizado por imigrantes europeus (alemães e italianos), através da criação de colônias de povoamento organizadas pelo governo provincial ou promovidas pela iniciativa de empresas privadas. Antes, no século XVIII, já havia ocorrido a colonização de lusos-brasileiros na porção sul da região e também a vinda de escravos africanos para o desenvolvimento das fazendas de criação de gado.

A maior parte do território da região dos Vales, notadamente o correspondente ao conjunto dos municípios que integram a sub-região do Vale do Taquari, e aos municípios localizados na área central e norte da sub-região do Vale do Rio Pardo, apresenta uma estrutura fundiária rural caracterizada pela pequena propriedade. Tais propriedades rurais possuem, em média, 16 hectares de extensão e estão vinculadas à agricultura familiar, cuja produção principal é constituída pela criação de frangos e suínos, no Vale do Taquari, e pela produção do tabaco e milho, no Vale do Rio Pardo. Na parte sul da região dos Vales, constituída pelos municípios da porção sul da sub-região do Vale do Rio Pardo, tem se a presença de médias e grandes propriedades rurais cuja produção tem se especializado na produção de arroz, soja e na criação de gado bovino, além da silvicultura.

Pode-se dizer também que a região dos Vales está integrada ao mercado globalizado, através da produção especializada e processamento industrial nos ramos do tabaco e da produção de frango e suíno, por meio do sistema integrado de produção controlado pelas agroindústrias. Essa estrutura econômica regional ao mesmo tempo que gera uma alta renda *per capita* também promove desigualdade na distribuição da riqueza, dos equipamentos sociais e dos empregos no território.

Figura 1 - A região dos Vales (Região Funcional de Planejamento 2) - RS



Fonte: SEPLAN-RS, 2017.

Em 2010, a região dos Vales possuía uma população de 745.864 habitantes, em 2010, o equivalente a 7% da população gaúcha. "Entre 2000 e 2010, a Região dos Vales teve uma taxa de crescimento demográfico de 0,68% ao ano, sendo a terceira região com maior crescimento populacional do Estado". (SEPLAN, 2016,p.22).

No quadro 01, observamos que em 2010, 68% do total de habitantes da região residiam na área urbana, e 32% na área rural. Observamos também que parte significativa da população urbana da região se concentra nas cidades médias de Santa Cruz do Sul e Lajeado, que juntas respondem por 35% da população urbana regional.

Quadro 1 – População urbana, total e taxa de urbanização – 2000 e 2010

Municípios	População urbana		População total		Taxa urbanização 2000	Taxa urbanização 2010
	2000	2010	2000	2010		
Lajeado	60.189	71.180	64.133	71.445	93,9%	99,6%
Santa Cruz do Sul	93.786	105.190	107.632	118.374	87,1%	88,9%
Demais municípios	287.272	329.584	525.228	556.045	54,7%	59,3%
TOTAL Região dos Vales	441.247	505.954	696.993	745.864	63,3%	67,8%
TOTAL Rio Grande do Sul	8.317.984	9.100.291	10.187.798	10.693.929	81,6%	85,1%

Fonte: Carolina Faccin, a partir de IBGE (2010)

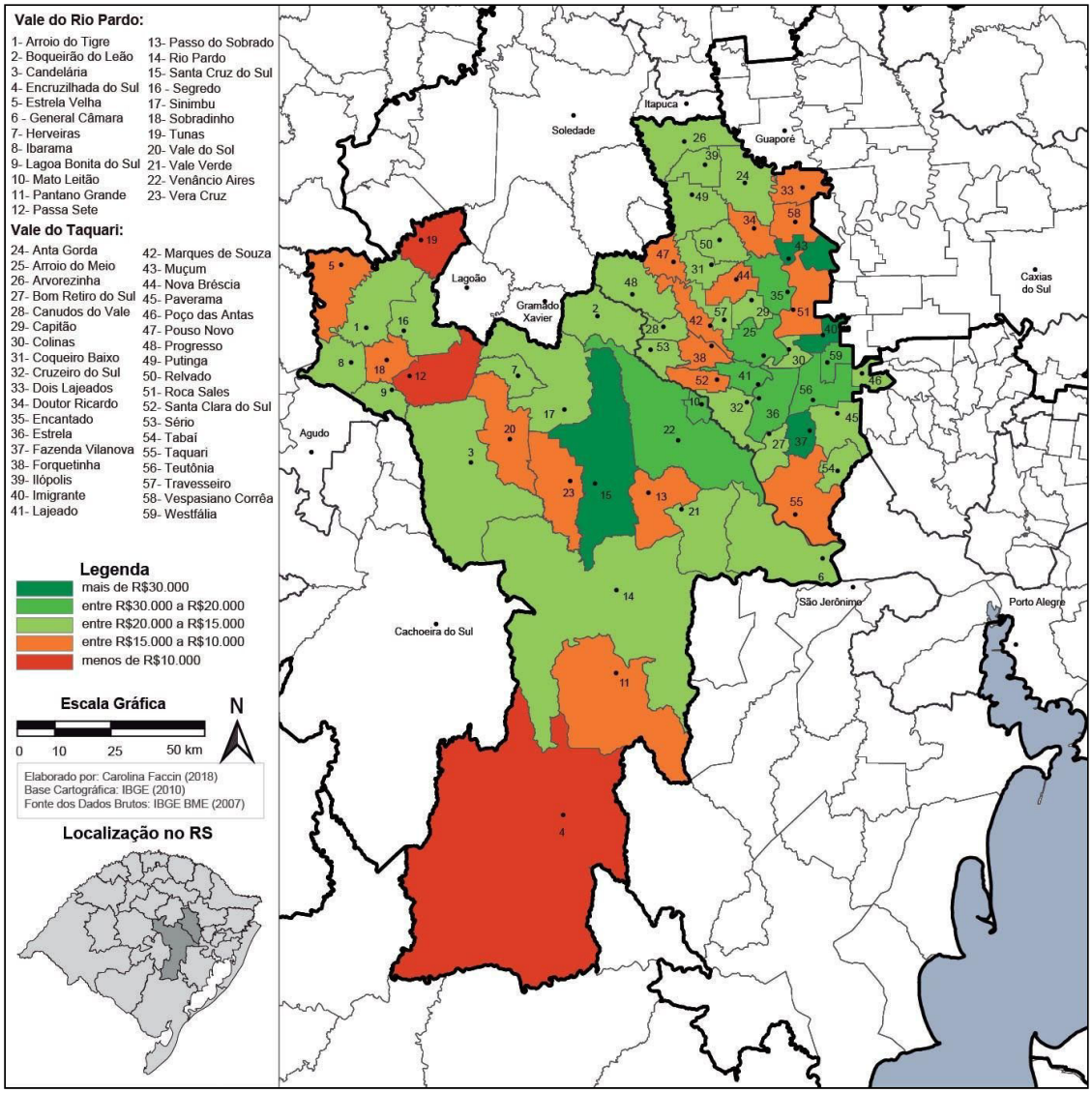
Os dados também mostram que no período entre 2000 e 2010, a população total da região teve um incremento de 48.871 pessoas (7,00%), enquanto a população urbana regional ampliou cerca de 64.707 pessoas (14,66%) e a população urbana de Santa Cruz do Sul e de Lajeado juntas, ampliaram em 22.395 pessoas, representando uma ampliação de 14,54%. Os dados mostram que nesse período a população urbana regional cresce em maior intensidade do que a população total, e o crescimento da população urbana de Santa Cruz do Sul e de Lajeado, representa parte significativa desse crescimento.

Em relação à economia regional cabe destacar que em 2012 o Produto Interno Bruto da Região dos Vales correspondia a 7% do PIB estadual, perfazendo R$. 19.436.036,55. Naquele ano, dentre os municípios da região, destacavam-se o de Santa Cruz do Sul (10º lugar no ranking dos maiores PIBs do Estado) com R$.5.443.457,00 e Venâncio Aires (24º no ranking) com R$.2.045.732,00, ambos localizados na sub-região do Vale do Rio Pardo, e Lajeado (19º no ranking) com R$. 2.835.732,00 e Estrela (41º no ranking), com R$.1.150.719,00, ambos na sub-região do Vale do Taquari.

A figura 2 ilustra a o desempenho dos municípios da região dos Vales em relação ao PIB *per capita*, com base nos dados de 2010, do IBGE.

Observa-se que há uma desigual dinâmica de desenvolvimento no território regional, medida por esse indicador. Entre os municípios que apresentaram um melhor desempenho (PIB *per capita* entre 20 e 30 mil Reais) na região dos Vales se encontram os de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Mato Leitão, na sub-região do Vale do Rio Pardo, e os municípios de Muçum, Imigrante, Fazenda Vila Nova, Encantado, Arroio do Meio, Lajeado, Estrela e Teutônia, na sub-região do Vale do Taquari.

Figura 2 – Região dos Vales - RS: PIB *per capita* dos municípios em 2010



Fonte: IBGE (2010). Elaboração: Carolina Rezende Faccin

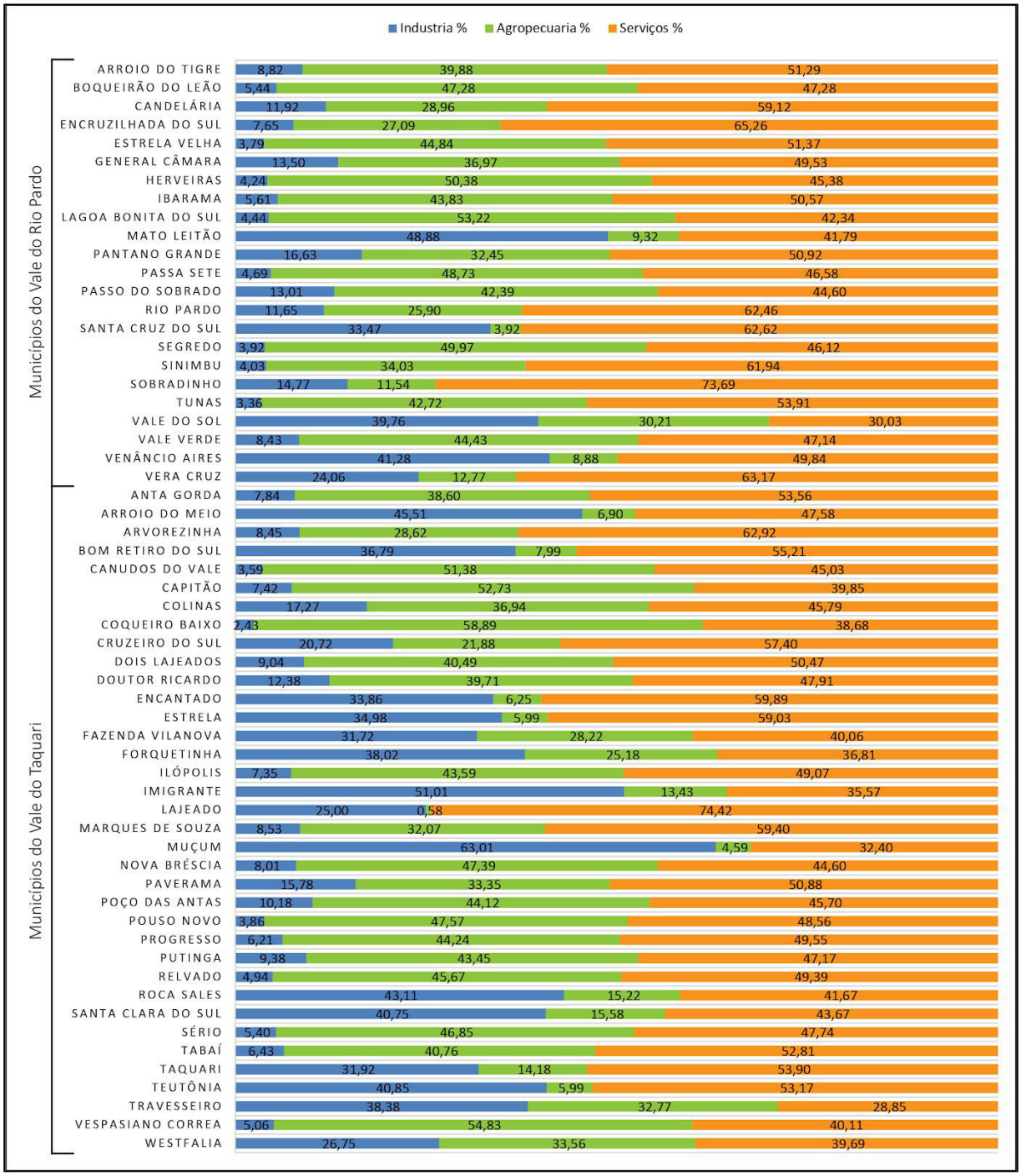
Já no outro extremo, com os menores PIB *per capita* da região dos Vales, encontram-se os municípios de Tunas, Passa Sete e Encruzilhada do Sul, com menos de 10.000 Reais, todos localizados na sub-região do Vale do Rio Pardo.

Um outro indicador importante para analisar a economia regional é o Valor Adicionado Bruto(VAB). O VAB é em uma determinada etapa da produção a diferença entre o valor bruto produzido nessa etapa (igual às vendas mais acréscimos de estoques) e o consumo intermediário. Na economia o Valor Adicionado representa toda a riqueza produzida, independente de ter sido vendida ou não (COSENZA, 2003).

O Valor Adicionado Bruto da região dos Vales em 2010 foi de R$ 13.798.243,36 bilhões. Ao decompormos essa informação por setores econômicos temos que a estrutura do VAB da região é composta por 13,38% da agropecuária, 29,04% da indústria e 57,58% de serviços, percebendo-se que o VAB da Região dos Vales se concentra nos serviços e na indústria. No gráfico 01 desagregou-se, por município que integra a região dos Vales, a

participação dos setores da agropecuária, da indústria e dos serviços no VAB, de modo a poder analisar melhor como se apresenta economicamente a região, e suas diferenças e desigualdades internas.

Gráfico 1 - Região dos Vales – RS: VAB setorial dos municípios - 2010



Fonte: IBGE (2010). Elaboração: Carolina Rezende Faccin

A análise do gráfico 01 nos permite verificar a expressiva importância que o setor de serviços tem na estrutura econômica de parte significativa dos municípios da região dos Vales. Assim, em 29 dos 59 municípios da região o setor de serviços apresenta uma expressão superior a 50% no conjunto da composição do VAB municipal. Dentre os

municípios que mais se destacam estão Lajeado (74%), Sobradinho (74%), Encruzilhada do Sul (65%), Santa Cruz do Sul (63%), Vera Cruz (63%) e Arvorezinha (63%).

Quanto ao setor industrial, observa-se que Mato Leitão (49%), Vale do Sol (40%), Venâncio Aires (41%), Arroio do Meio (46%), Imigrante (51%), Muçum (63%), Roca Sales (43%) e Santa Clara do Sul e Teutônia (41%) são os municípios em que a atividade industrial apresenta expressão superior a 40% do VAB municipal, revelando a importância desse setor na economia dos municípios. Muitas vezes, esse desempenho se deve a uma ou duas grandes empresas localizadas nos pequenos municípios que concentra o VAB industrial municipal. Assim é o exemplo de Mato Leitão, com a presença de um frigorífico, de Vale do Sol, com uma empresa de tabaco, e de Santa Clara do Sul, com a presença de uma empresa do setor calçadista e outra do setor de metalurgia.

O terceiro setor econômico em importância na maior parte dos municípios da região, notadamente nos pequenos municípios, é a agropecuária. Ao analisarmos o gráfico 1 verificamos que em 35 dos 59 municípios da região, as atividades agropecuárias respondem por 30 a 59 % do VAB municipal. Em muitos dos municípios da sub-região do Vale do Rio Pardo a economia está baseada na produção de tabaco e no milho, já nos municípios da sub-região do Vale do Taquari a atividade primária de criação de frango, suíno, e produção de leite e milho é a responsável pelo dinamismo econômico.

A Região dos Vales se localiza em uma área de transição entre as Regiões Metropolitanas de Porto Alegre e de Caxias do Sul e entorno e o interior do estado, notadamente relativa à parte norte e central do estado. A região apresenta forte ligação com a metrópole de Porto Alegre e com o centro regional de Caxias do Sul, através, por exemplo, do transbordamento industrial dessas áreas em direção à região dos Vales, por meio da relocalização industrial ou mesmo abertura de empresas filiais, e por meio de viagens de transportes. Ao mesmo tempo, a região dos Vales também apresenta, notadamente através de suas cidades médias de Lajeado e Santa Cruz do Sul, a condição de exercer centralidade e polarização no seu próprio território com a oferta de empregos, ensino técnico e superior, serviços de saúde, centros de pesquisa, e na rede urbana regional.

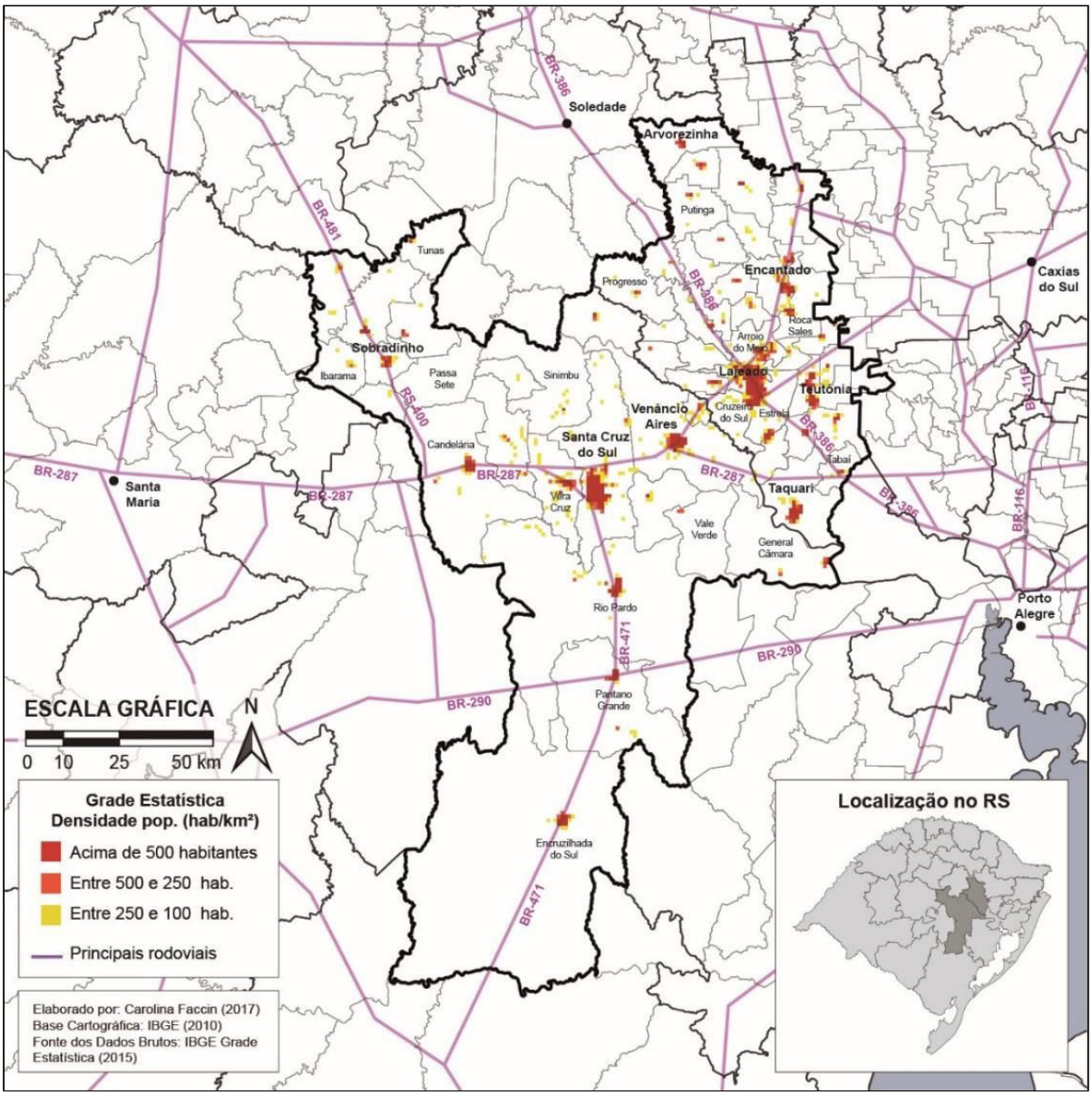
A Região dos Vales “tende a absorver alguns dos benefícios advindos do movimento de desconcentração concentrada das áreas metropolitanas de Porto Alegre e de Caxias do Sul, devido à proximidade e acessibilidade, reforçadas por fatores locacionais, como menores custos da terra e de mão de obra, disponibilidade de recursos humanos capacitados e boa infraestrutura” (SEPLAN, 2016,p.22).

O território regional é constituído em sua grande parte por um conjunto expressivo de municípios (46 municípios), cujas cidades em sua grande maioria, são cidades de pequeno porte com menos de 10 mil habitantes, muitas das quais (34) possuem menos de 2 mil habitantes (IBGE, 2010). As maiores cidades da região são as cidades médias de Santa Cruz do Sul (120 mil hab.), no Vale do Rio Pardo, e Lajeado (71 mil hab.), no Vale do Taquari.

As cidades de Santa Cruz do Sul, Vera Cruz e Venâncio Aires, que constituem o aglomerado urbano do Vale do Rio Pardo pela proximidade de suas malhas urbanas e integração de suas economias urbanas, notadamente em razão do desenvolvimento do complexo agroindustrial do tabaco, apresentaram um crescimento expressivo de sua população urbana, respectivamente de 12%, 35% e 14%, entre 2000 e 2010, evidenciando a atratividade de sua economia urbana. Já no Vale do Taquari, o aglomerado urbano formado pelas cidades de Lajeado e Estrela também apresentou crescimento positivo neste período,

de 18% e 12%, respectivamente, igualmente demonstrando a atratividade e a centralidade que a economia urbana, sobretudo de Lajeado exerce na região (Figura 3).

Figura 3 – Região dos Vales – RS: Rede urbana e distribuição da população no território



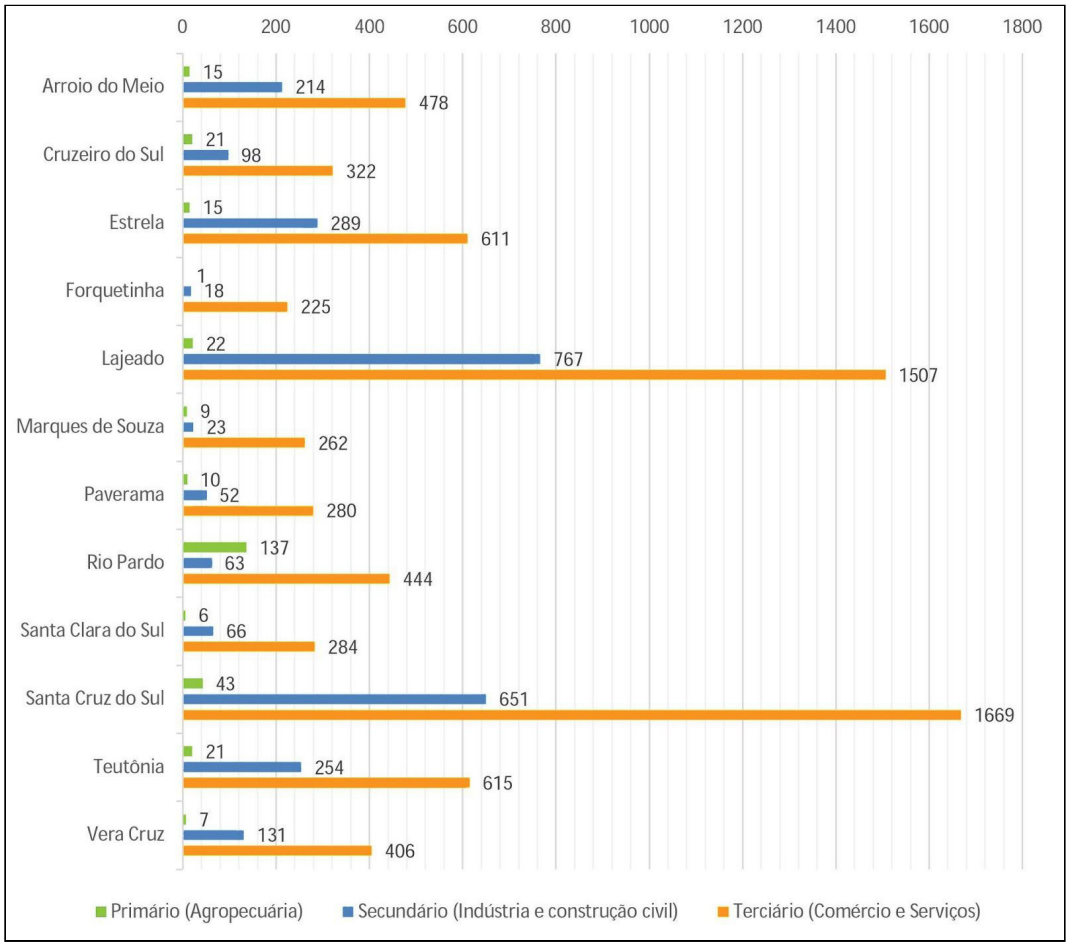
Fonte: IBGE (2010). Elaboração: Carolina Rezende Faccin.

Nas duas cidades médias de Santa Cruz do Sul e de Lajeado a economia urbana se estrutura através do beneficiamento agroindustrial de produtos como o tabaco e da carne de aves e suínos, com a presença hegemônica de subsidiárias multinacionais. Há também, a participação destacada de empresas locais ligadas aos setores de alimentos, de metalomecânica, metalurgia, de artefatos de borracha; de empresas e instituições privadas relacionadas ao desenvolvimento do setor de comércio e serviços, com destaque para os setores da saúde e da educação superior; e dos serviços relacionados ao setor público,

diante da existência, nessas cidades, de inúmeras repartições de diversos órgãos públicos federais e estaduais, seja do poder executivo, quanto do judiciário.

No gráfico 2 observamos que as cidades de Lajeado e de Santa Cruz do Sul concentram a maior parte das empresas industriais e das empresas do setor de comércio e serviços, existentes na região dos Vales, e por conseguinte a maior parte do emprego regional, em ambos os setores econômicos.

Gráfico 2 – Região dos Vales – RS: Número de empresas por setor nos municípios - 2014



Fonte: IBGE (2014). Elaboração: Débora Frantz Krug

A partir de dados da RAIS (2014), percebe-se que em relação ao total de empregos existentes nos três setores da economia, na região, as cidades médias de Santa Cruz do Sul e Lajeado respondem por parte significativa da oferta de empregos. No setor Terciário ocorre a maior oferta de empregos, com 19,74% dos empregos regionais sendo ofertados em Santa Cruz do Sul e 17,91% dos empregos em Lajeado. Na sequência aparece o Setor Secundário, com 14,56% dos empregos em Santa Cruz do Sul e 17,15% dos empregos em Lajeado. Em razão da elevada taxa de urbanização dos dois municípios, a participação de ambos na oferta

de empregos no Setor Primário é reduzida, correspondendo a 4,70% das vagas de emprego em Santa Cruz do Sul e 2,40% em Lajeado[1].

As cidades médias de Santa Cruz do Sul e de Lajeado, são centros sub regionais B na estrutura hierárquica da rede urbana brasileira, e exercem forte centralidade na região dos Vales, intermediando fluxos de diferentes tipos (pessoas, capitais, produtos, mercadorias e informações) que se originam e circulam entre as áreas rurais e cidades pequenas, que constituem sua região de influência, e a metrópole de Porto Alegre e sua região metropolitana.

A presença nessas cidades, de filiais de corporações multinacionais, também faz com que as mesmas intermedeiam fluxos globais de capitais, informações e produtos, relativos à atividade agroindustrial do tabaco, no caso de Santa Cruz do Sul, e à atividade do processamento de carne, no caso de Lajeado.

Tais cidades são centros regionais de gestão do setor público, seja na instância federal (INSS, Receita Federal, Previdência Pública, Polícia Federal, Justiça Federal, bancos e agências de órgãos públicos federais) seja na instância estadual: Coordenadorias da Saúde, Educação, Emater, etc. Igualmente, essas cidades ocupam papel importante na função da gestão empresarial, através da presença, nessas cidades médias de inúmeras empresas sede e empresas filiais.

3- OS FLUXOS DE GESTÃO DO TERRITÓRIO NA REGIÃO DOS VALES – RS

O Estado é um relevante agente produtor e organizador do espaço, através tanto de sua atuação econômica quanto promovendo políticas públicas setoriais diversas, buscando, através de sua estrutura e serviços, atender a população, estar presente no território, levantar informações e organizar os recursos públicos.

As instituições públicas, que viabilizam a ação do Estado, via de regra se organizam espacialmente de modo multilocalizadas com diversas instalações e repartições no território brasileiro, apresentando uma estrutura hierárquica interna que reflete um dado modo de gestão do território pelo Estado, através de suas diversas instâncias administrativas a maneira pela qual o território é gerido.

Para efetivar a gestão pública do território, o Estado, através dessas instituições públicas, localizadas em diferentes cidades, dissemina ordens, informações e decisões, presta serviços diversos, promove a justiça, bem como, atende demandas, recolhe tributos e levanta dados sobre a realidade do País, desde diferentes lugares, buscando manter o equilíbrio federativo.

A organização e a distribuição espacial das instituições públicas “é um fato gerador de centralidade urbana”, pois a sua presença numa dada cidade “é capaz de atrair a população dispersa que vem utilizar os serviços que o Estado oferece, ao mesmo tempo em que essas entidades funcionam como núcleos de tomada de decisão, acumulando poder sobre uma porção do território” (IBGE, 2014, p.25).

[1] O total de empregos existentes em 2014, em Lajeado estão assim distribuídos: No setor secundário(indústria e construção civil) são 767 empregos, no setor terciário(comércio e serviços) 2610 vagas. Já em Santa Cruz do Sul o total de empregos no setor secundário(indústria e construção civil) era de 651 empregos, e no setor terciário(comércio e serviços) haviam 2877 empregos.

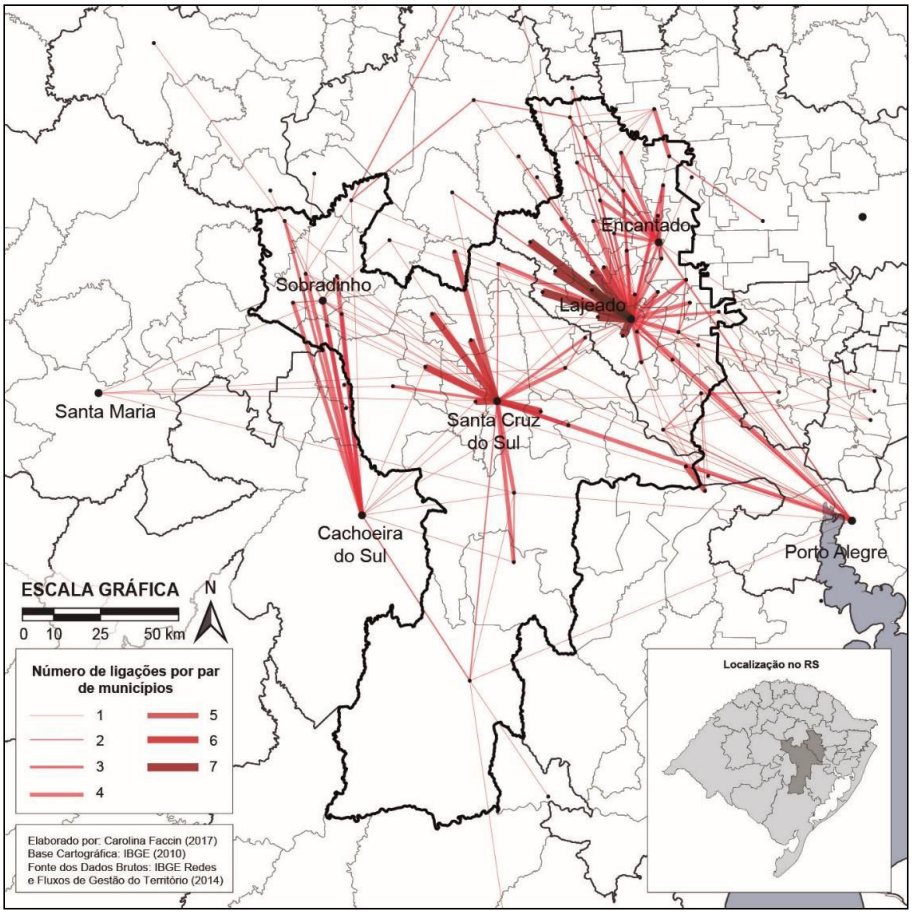
Por sua vez, os fluxos de gestão empresarial, advindos da dinâmica de organização e funcionamento do mercado, através das relações entre empresas produtoras, fornecedoras, instituições financeiras, e empresas de logística, bem como através das relações entre as sedes das empresas e as suas filiais, no espaço, são também fonte de geração de centralidade urbana. A sua localização é seletiva e desigual no espaço, bem como são desiguais os fluxos que articulam esses diferentes agentes privados econômicos e públicos no processo de desenvolvimento.

3.1- Os fluxos de gestão pública federal e estadual na região dos Vales – RS

Os dados sobre os fluxos de gestão pública federal do território, através da oferta descentralizada de serviços públicos relacionados à Receita Federal, Previdência Social e Justiça Federal, revelam a grande centralidade das cidades de Santa Cruz do Sul e de Lajeado no interior da região dos Vales, pois é nessas cidades que estão localizadas as repartições desses órgãos públicos que atuam na região.

Revelam de um lado, as respectivas áreas de influência imediata de cada cidade, e de outro, a existência de fluxos e ligações cruzadas, entre ambas, dada a especialização e a oferta de serviços púbicos federais diferenciados que cada uma das cidades apresenta (Figura 4).

Figura 4 – Região dos Vales – RS: Os fluxos de gestão pública federal do território



Fonte: IBGE (2014). Elaboração: Carolina Rezende Faccin.

Os dados evidenciam também que Lajeado centraliza a maior parte dos fluxos de gestão pública federal, bem como aqueles mais intensos, que circulam na sub-região do Vale do Taquari. Destaca-se a expressiva quantidade de ligações (entre 05 e 07 ligações) que ocorrem entre pares de cidade, evidenciando a diversidade dos fluxos de gestão pública existentes entre a cidade de Lajeado e cada uma das cidades de: Arroio do Meio, Canudos do Vale, Cruzeiro do Sul, Forquetinha, Marques de Souza, Progresso, Santa Clara do Sul, Sério e Travesseiro. Já a cidade de Encantado, aparece como centro secundário na gestão pública no âmbito intrarregional, estabelecendo relações (4 a 5 ligações) principalmente com as cidades de Anta Gorda, Muçum e Doutor Ricardo (Figura 4).

Já na sub-região do Vale do Rio Pardo, a cidade de Santa Cruz do Sul igualmente centraliza a maior parte dos fluxos de gestão na sua região de influência imediata, com destaque para as ligações mais intensas (entre 5 e 6 ligações) que ela estabelece com cada uma das cidades de: Gramado Xavier, Herveiras, Sinimbu, Passo do Sobrado, Vale do Sol e Vera Cruz (Figura 4). Chama também a atenção, a centralidade que a cidade de Cachoeira do Sul, localizada na região central do RS, exerce em relação às cidades e municípios localizados na parte norte da região do Vale do Rio Pardo. Isso pode ser explicado pelas relações históricas que tais cidades mantêm com aquela, anteriores ao processo de suas emancipações político-administrativas, nos anos oitenta e noventa.

Cabe ainda destacar as relações que tanto a cidade de Lajeado quanto a de Santa Cruz do Sul mantêm com Porto Alegre, capital do Estado, em razão da localização nesta, das unidades administrativas hierarquicamente superiores, no âmbito da estrutura de gestão descentralizada dos órgãos públicos federais que atuam no Rio Grande do Sul. São exemplos disso, a Justiça federal, INSS, Polícia Federal e a Receita Federal.

Já em relação à gestão pública estadual, realizada pelos órgãos, instituições e autarquias do governo do estado do Rio Grande do Sul, no território da região dos Vales observamos igualmente uma expressiva centralidade exercida pelas cidades médias de Santa Cruz do Sul e de Lajeado, na região, mas principalmente, e de modo respectivo, nas sub-regiões do Vale do Rio Pardo e Vale do Taquari (Quadro 2 e Figura 5).

Quadro 2 – Região dos Vales – RS: Número de estabelecimentos de gestão pública estadual existente em cada município - 2018

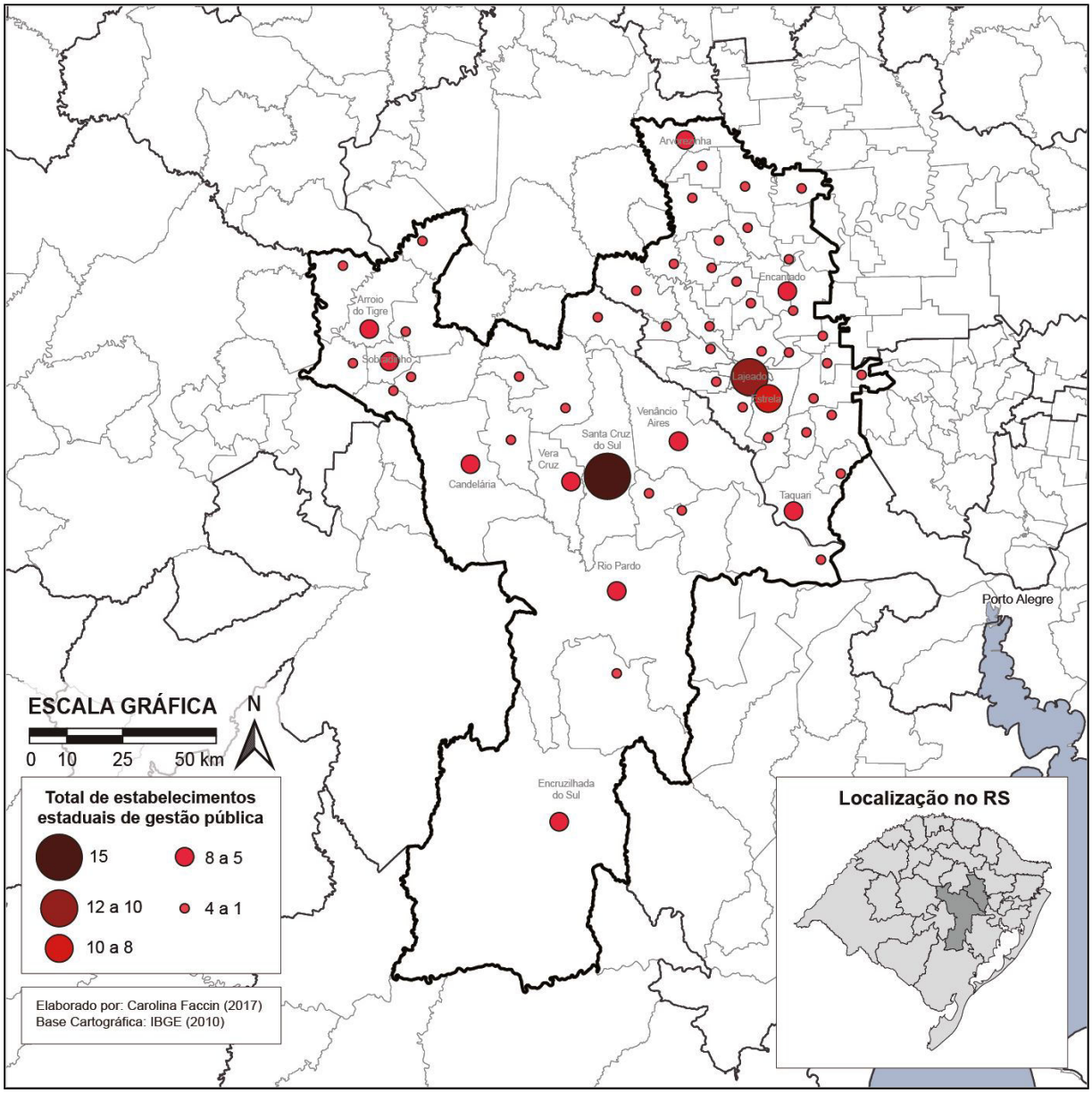
Municípios	Banrisul	Bombeiros	Brigada Militar	COMARCAS	Coordenadorias Regionais de Saúde	CRE	DAER	DETRAN(CRVA)	EMATER-RS	Polícia Ambiental	Polícia Civil	Delegacias Polícia Civil Especializada	IPE-RS	TOTAL
Santa Cruz do Sul	4	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	**15**
Lajeado	2	1	1	1	1	0	1	1	1	0	1	1	1	**12**
Estrela	1	1	1	1	0	1	0	1	0	1	1	0	1	**9**
Rio Pardo	1	1	1	1	0	0	0	1	0	1	1	0	1	**8**
Encruzilhada do Sul	1	1	1	1	0	0	0	1	0	0	1	0	1	**7**
Venâncio Aires	1	1	1	1	0	0	0	1	0	0	1	0	1	**7**
Arvorezinha	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	1	0	1	**6**
Candelária	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	1	0	1	**6**
Encantado	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	1	0	1	**6**
Sobradinho	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	1	0	1	**6**
Arroio do Tigre	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	**5**
Taquari	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	1	**5**
Vera Cruz	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	**5**

Fonte: Dados primários da pesquisa levantados em 2018. Elaboração: Nicolas Billig de Giacometti.

Os dados do quadro 2 mostram que em relação aos serviços públicos básicos de apoio à gestão descentralizada do governo estadual, como agências bancárias do Banco do Estado do Rio Grande do Sul (BANRISUL), postos ou destacamentos da brigada militar, comarcas da justiça estadual, escritórios do Departamento de Trânsito (DETRAN), delegacias da polícia civil, e postos do Instituto de Previdência do Estado do Rio Grande do Sul (IPE-RS) as suas estruturas estão presentes nas principais cidades da região dos Vales. Já os serviços e estruturas de gestão pública estadual mais especializadas, como as Coordenadorias Regionais de Educação (CREs), as Delegacias do Departamento Autônomo de Estadas e Rodagem (DAER), as Coordenadorias Regionais de Saúde, os escritórios regionais da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), bem como as delegacias especializadas da Polícia Civil e um número maior de agências bancárias do Banrisul, estão localizados nas cidades médias de Santa Cruz do Sul e de Lajeado.

A figura 5 ilustra bem essa centralidade e condição de gestão pública do território das cidades médias de Lajeado e de Santa Cruz do Sul no espaço da região dos Vales.

Figura 5 – Região dos Vales – RS: Estabelecimentos de gestão pública estadual - 2018



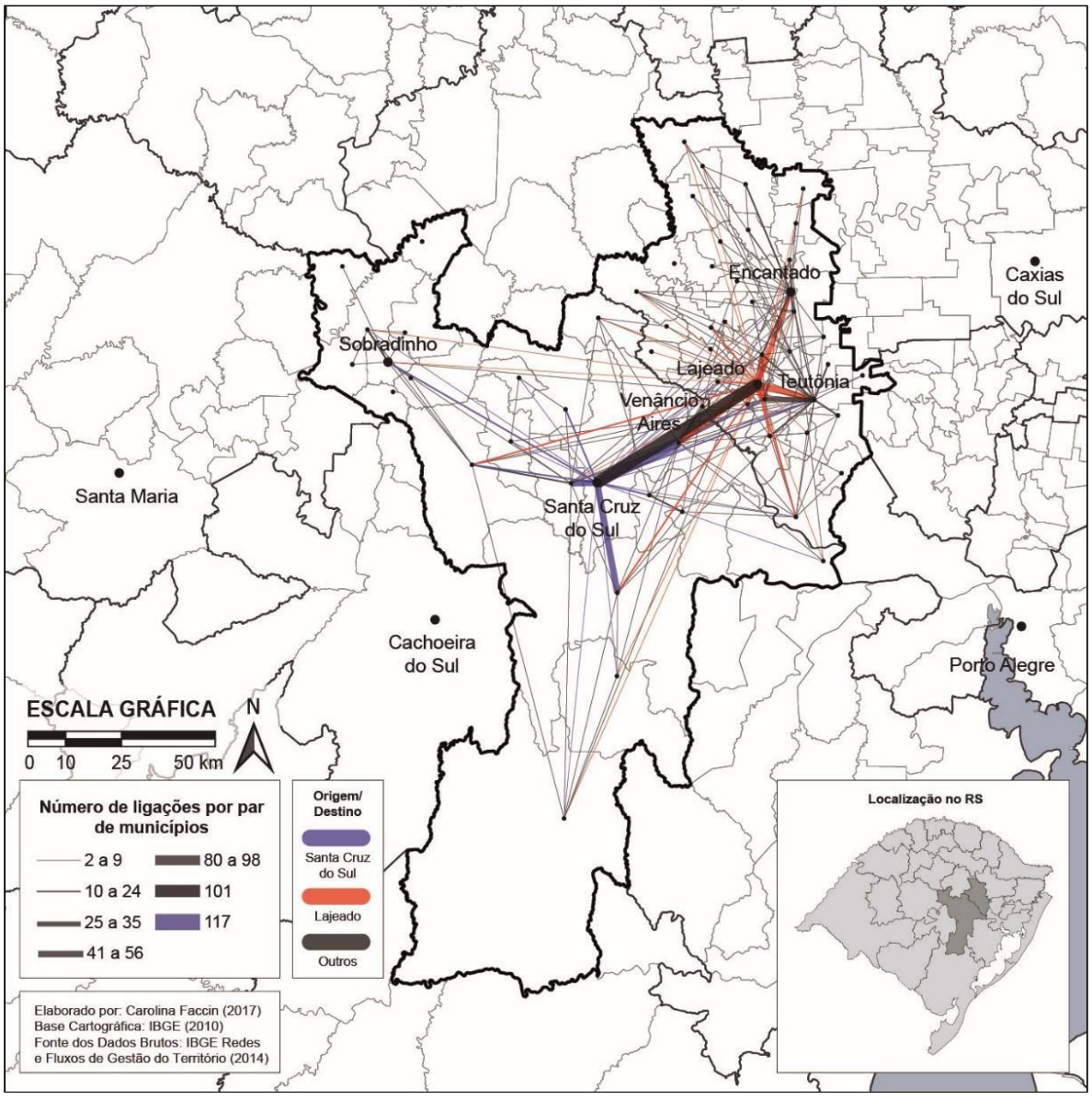
Fonte: IBGE (2010). Elaboração: Carolina Rezende Faccin

As cidades médias de Santa Cruz do Sul e de Lajeado desempenham papel importante nas ações de gestão descentralizadas do governo do estado, respectivamente nas sub-regiões do Vale do Rio Pardo e Vale do Taquari (Figura 5). Nessa condição, essas duas cidades, através dos órgãos, escritórios e repartições públicas estaduais nelas localizadas, intermedia boa parte das ordens, normas e regulações que o governo do Estado determina e propõe, desde a sede do governo estadual, em Porto Alegre, aplicando-as, executando-as, implementando-as e fiscalizando-as no conjunto das cidades e municípios que elas polarizam e centralizam, no território da região dos Vales, e nas regiões vizinhas.

3.2- Os fluxos de gestão empresarial na Região dos Vales – RS

As cidades de Lajeado e de Santa Cruz do Sul comandam as relações com as demais cidades e municípios da região através dos fluxos de gestão empresarial (Figura 6).

Figura 6 – Os fluxos de gestão empresarial do território na Região dos Vales – RS



Fonte: IBGE (2014). Elaboração: Carolina Rezende Faccin.

Tais cidades médias, em razão de sua dinâmica econômica e funções urbanas apresentam forte centralidade regional e desempenham importante papel de comando na rede urbana regional. De um lado, elas intermediam grande parte dos fluxos econômicos e de serviços que se originam na região metropolitana de Porto Alegre e em centros urbanos nacionais e globais que participam das atividades agroindustriais do tabaco e de alimentos e que alcançam o conjunto da região dos Vales. De outro lado, elas intermediam os fluxos da produção agrícola e do excedente econômico oriundo das áreas rurais e das pequenas cidades da região que se destinam a essas duas cidades, ou ao mercado estadual e nacional.

A Figura 6 apresenta, também, as relações existentes entre empresas (sedes e filiais) localizadas em Santa Cruz do Sul e Lajeado, evidenciando uma dada articulação dos fluxos econômicos e de gestão empresarial entre essas duas cidades (linha preta), de modo mais imediato, e entre essas duas sub-regiões – o Vale do Taquari e o Vale do Rio Pardo, de modo mais abrangente. Diversas são as empresas, notadamente no setor de comércio e serviços, que possuem sede em Santa Cruz do Sul e filial em Lajeado, e vice-versa.

Na análise mais específica de cada uma das duas sub-regiões, verifica-se que as empresas de Santa Cruz do Sul estabelecem sua gestão territorial tendo como espaço de atuação na região o conjunto dos demais municípios. Contudo as relações (linha azul) mais intensas, ocorrem entre Santa Cruz do Sul e as empresas localizadas nas cidades de Vera Cruz, Rio Pardo, Sinimbu, Sobradinho e Candelária. Já no Vale do Taquari, as empresas sediadas em Lajeado igualmente se relacionam com empresas localizadas em todos os municípios desta sub-região, assinalando a forte centralidade dessa cidade média no território regional. Entre as cidades da região, com que as empresas localizadas em Lajeado, estabelecem as relações mais intensas, estão as de Teutônia, Encantado e Taquari.

Avançando na análise dos fluxos de gestão empresarial existentes no território da região dos Vales, o quadro 03, nos possibilita verificar melhor a dimensão espacial e a dinâmica e intensidade desigual com que as empresas localizadas nas cidades da região estabelecem suas ações de gestão territorial no âmbito da região e do Estado. Desse modo, configurando, a efetiva região de influência de suas duas cidades médias – Santa Cruz do Sul e Lajeado, nas escalas regional e estadual.

Quadro 3 – Gestão territorial empresarial na Região dos Vales-RS: Empresas controladoras, filiais e municípios controlados selecionados - 2014

Nome do município	Municípios controlados	Empresas controladoras	Estabelecimentos-filiais controlados	Distância média das interações entre o município e seus congêneres	Assalariados externos comandados pelo município
Lajeado	206	157	504	280	6595
Santa Cruz Do Sul	191	154	613	488	6307
Teutônia	79	34	141	274	2633
Venâncio Aires	69	73	135	502	839
Encantado	69	46	146	243	1819
Estrela	43	56	92	517	838
Vera Cruz	21	19	36	209	184
Candelária	20	12	32	253	172
Taquari	19	22	30	262	91
Encruzilhada Do Sul	15	12	21	251	60
Cruzeiro Do Sul	14	11	27	183	167
Arroio Do Meio	13	26	30	151	826
Rio Pardo	12	15	17	296	49
Sobradinho	12	17	23	211	39
Passo Do Sobrado	11	9	16	560	2
Roca Sales	10	9	13	227	23

Fonte: IBGE (2014). Elaboração: Nicolas Billig de Giacometti

A cidade de Lajeado possuía em 2014, 157 empresas controladoras (sediadas no município), representando 19% das empresas controladoras com sede na região. Essas 157 empresas controlavam 506 estabelecimentos filiais distribuídos em 206 municípios, numa

distância média entre sede e filial, de 280 km. Portanto, sua centralidade econômica transcende o território regional constituído pelos 50 municípios que integram a região dos Vales, e alcança também municípios, em sua grande maioria, localizados em outras regiões do Estado do RS. Além disso, as empresas sediadas em Lajeado, estabelecem relações de trabalho com um contingente de 6.595 trabalhadores, que são assalariados externos, pois estão empregados em suas filiais. Esse número é bastante expressivo, pois corresponde a 19,42% do total de assalariados que trabalhavam, nesse ano, nas empresas em Lajeado (IBGE, 2015).

A cidade média de Santa Cruz do Sul, apresentava 154 empresas controladoras, representando também 19% do total das empresas controladoras sediadas na região. Essas 154 empresas, controlavam 613 estabelecimentos filiais, localizados em 191 municípios, cuja distância média para a cidade santa-cruzense era de 488 km. Santa Cruz do Sul apresenta assim uma intensa centralidade econômica no território regional exercendo também sua influência por diferentes municípios não apenas no RS, mas também em SC e no PR, em razão das filiais das empresas multinacionais fumageiras que atuam na cadeia agroindustrial do tabaco no Sul do Brasil. As empresas sediadas em Santa Cruz do Sul possuem um total de 6.307 assalariados externos, trabalhando em suas filiais, em outros municípios, que 15,69% do total de assalariados que estavam empregados nas empresas instaladas na cidade (IBGE, 2015).

Uma outra variável que permite analisar a capacidade de gestão do território pelas cidades médias se refere ao contingente de municípios e empresas atraídas, cujas sedes dessas últimas se localizam em outras cidades. Tais empresas atraídas atuam na cidade média através de suas filiais, por conta da dinamicidade e importância da sua economia urbana e do seu mercado consumidor, bem como de sua centralidade no contexto regional onde estão inseridas (Quadro 4).

Quadro 4 – Gestão territorial empresarial na Região dos Vales-RS: Empresas atraídas, filiais e municípios atraídos selecionados - 2014

Nome do município	Municípios atraídos	Estabelecimentos-filiais atraídos	Empresas atraídas	Percentual sobre o total de assalariados que se reportam a empresas-sede fora dos limites municipais
Santa Cruz Do Sul	64	282	223	18,71
Lajeado	63	210	185	20,34
Venâncio Aires	36	135	112	12,52
Rio Pardo	33	76	70	33,73
Estrela	32	90	82	14,85
Encruzilhada Do Sul	31	57	44	26,66
Teutônia	30	70	60	43,71
Candelária	28	55	51	38,25
Taquari	26	52	48	26,46
Encantado	24	54	51	6,18
Pantano Grande	24	38	34	42,08
Arroio Do Meio	23	55	48	21,78
Sobradinho	23	40	38	28,89
Vera Cruz	22	46	43	23,73
Bom Retiro Do Sul	17	32	30	35,34
Roca Sales	16	27	27	73,66

Arvorezinha	15	24	23	12,26
Arroio Do Tigre	14	24	23	25,85
Passo Do Sobrado	14	18	18	18,94
Cruzeiro Do Sul	13	24	24	6,62
Santa Clara Do Sul	10	17	16	43,67

Fonte: IBGE (2014). Elaboração: Nicolas Billig de Giacometti

Nesse aspecto, destaca-se a capacidade de atração empresarial da cidade de Santa Cruz do Sul que, em 2014 atraiu 282 estabelecimentos filiais de 223 empresas externas, com sede em 64 municípios. Santa Cruz do Sul, atraiu 15% de todas as empresas atraídas pelas demais cidades da região. Além disso, 18,71% do total dos assalariados do município estão subordinados a empresas sede, localizadas fora dos limites municipais. Em Lajeado, observamos também um fluxo similar importante resultante no processo de gestão territorial empresarial. A cidade, em 2014, atraiu 210 estabelecimentos filiais, de 185 empresas, cujas sedes estavam localizadas em 63 municípios. Lajeado atraiu 11% de todas as empresas atraídas pelas demais cidades da região. Cerca de 20% do total dos assalariados do município estão subordinados a empresas sede, externas ao município. Tais dados evidenciam importantes fluxos de capital externos e que se destinam para Santa Cruz do Sul e para Lajeado seja através dos investimentos na abertura e manutenção de estabelecimentos filiais, ou através do pagamento de salários dos empregados nesses estabelecimentos filiais.

Dentre as empresas atraídas para Santa Cruz do Sul destacam-se as 47 empresas cuja sede está em Lajeado, possuem 54 filiais atuando em Santa Cruz do Sul, evidenciando uma importante integração econômica entre as duas cidades médias da região. Além de atrair empresas cujas sedes estão localizadas na região, essas duas cidades também têm atraído filiais de bancos, empresas de comércio e serviços e de grandes redes estaduais, nacionais e transnacionais que atuam no ramo da alimentação e lojas de departamento, como Santander, ABN ANRO, Mcdonalds, Subway, Walmart, Lojas Renner, Magazine Luiza, Casas Bahia, Ponto Frio, Lojas Colombo, Benoit, Pompéia, Quero-Quero, TaQi, entre outras. Instaladas na área central dessas cidades e em Shoppings Centers junto às vias de ligação intrarregional, essas sucursais de empresas forâneas, potencializam e ampliam a abrangência territorial da oferta de consumo especializado dessas cidades médias.

Por fim, cabe também destacar a importância da intensidade das ligações econômicas entre as empresas para a análise dos padrões das redes de gestão territorial, bem como para gerar uma dada medida da centralidade urbana no espaço regional. Assim, a intensidade das ligações resulta do somatório das interações entre as empresas sedes e suas filiais, considerando a capacidade de cada município em abrigar empresas-sedes locais que se articulam com sucursais externas ao seu território e, ao mesmo tempo, levando em conta a presença de filiais atraídas para o seu território, sendo estas geridas por empresas-sede instaladas fora dos seus limites (IBGE,2014).

Nesse aspecto, as cidades de Santa Cruz do Sul e Lajeado apresentam, respectivamente, uma intensidade de 1.272 e 1.056 ligações entre empresas, somadas aqui tanto as relações existentes entre as empresas que nelas têm sede e suas filiais externas, quanto as relações estabelecidas com as empresas externas, atraídas por essas cidades, através da atração de suas filiais. Esse expressivo desempenho além de representar, respectivamente, 21% e 18% do total das ligações existentes nos 50 municípios que integram a região, também traduz a forte centralidade que tais cidades médias desempenham na região dos Vales. Centralidade esta que amplia ainda mais, quando consideramos cada uma

das sub-regiões onde essas cidades desempenham o papel de polo regional. Assim, Santa Cruz do Sul, responde por 43,41% das ligações totais do Vale do Rio Pardo, e Lajeado, por 34,29% do total das ligações do Vale do Taquari.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto atual em que vivemos no Brasil, de intensa urbanização, e de ampla e crescente mobilidade de fluxos diversos no território, requer uma análise mais detalhada sobre a tipologia, o conteúdo e reflexos desses fluxos na organização e na gestão do território, e de como as cidades médias têm participado desse processo, notadamente na escala regional do território brasileiro.

Entendemos que tanto o Estado quanto o Mercado são duas instituições com grande poder de estruturação e gestão territorial, por meio de suas ações e dos fluxos que geram e atraem através de suas organizações. Assim, de um lado, temos a gestão pública do território realizada pelo Estado e seus organismos públicos visando o atendimento da população, o provimento da infraestrutura, o levantamento de dados e informações e o recolhimento de impostos.

De outro lado, temos a gestão privada ou empresarial através das relações que as empresas privadas estabelecem no mercado, com suas ações, articulações e estratégias particulares no território, visando a reprodução do capital. As cidades médias desempenham papel destacado nesse processo, ao participarem efetivamente da intermediação desses fluxos, e ao servirem de suporte e condição para a gestão territorial pública e empresarial nos espaços regionais.

A análise dos dados permitiu verificar o destacado papel de comando e de intermediação que as cidades médias de Lajeado e de Santa Cruz do Sul apresentam na gestão do território na Região dos Vales, através dos fluxos de gestão pública e empresarial.

Em relação a gestão pública do território, os dados sobre os fluxos e ligações relativas a gestão pública federal no território, através da oferta descentralizada de serviços públicos relacionados à Receita Federal, Polícia Federal, Previdência Social e Justiça Federal, revelaram inicialmente a grande centralidade das cidades de Santa Cruz do Sul e de Lajeado nos respectivos territórios das sub-regiões do Vale do Rio Pardo e do Vale do Taquari. Bem como, a também importante centralidade dessas cidades na Região dos Vales, pois são nelas que estão localizadas as repartições desses órgãos públicos que atuam na região. Os dados também evidenciaram a existência de uma relativa disputa entre essas cidades pelo comando na gestão do território no espaço intrarregional pois o mesmo está submetido, simultaneamente, à influência de ambas as cidades, em razão da desigual presença, organização e abrangência espacial da atuação de cada órgão público federal presente na região.

Em relação aos fluxos e ligações relativas a gestão pública estadual no território regional, através da oferta descentralizada de serviços públicos, as cidades médias de Santa Cruz do Sul e de Lajeado desempenham papel fundamental na gestão territorial decorrente das ações descentralizadas do governo do estado, respectivamente nas sub-regiões do Vale do Rio Pardo e Vale do Taquari. Nessa condição, essas duas cidades, através dos órgãos, escritórios e repartições públicas estaduais nelas localizadas, intermedia boa parte das ordens, normas e regulações que o governo do Estado determina e propõe, desde a sede do

governo estadual, em Porto Alegre, aplicando-as, executando-as, implementando-as e fiscalizando-as no conjunto das cidades e municípios que elas polarizam e centralizam, no território da região dos Vales, e nas regiões vizinhas. Além disso, essas cidades igualmente recebem as demandas da população, empresas e instituições da região dos Vales, direcionadas aos órgãos estaduais, nelas instalados.

Quanto à gestão empresarial do território os dados mostraram que ambas as cidades apresentam os maiores níveis de intensidade nas ligações econômicas na região, advindas do somatório das relações entre as empresas que essas cidades sediam e as suas filiais, localizadas em municípios externos à região. Também, das ligações que essas duas cidades promovem através da atração de empresas externas, através da instalação de filiais e subsidiárias. A hegemonia econômica que a agroindústria – do tabaco em Santa Cruz do Sul e frangos e suínos em Lajeado –, possui na economia urbana e regional, acrescida de uma crescente e diversificada economia de comércio e serviços, sobretudo na área de alimentação, educação e saúde, revela a centralidade econômica dessas cidades no contexto regional. Os dados sobre assalariamento externo, também evidenciam o relevante poder de comando territorial que tais cidades possuem, extravasando a região de influência imediata e alcançando outras regiões vizinhas, no Rio Grande do Sul, e mesmo no Sul do Brasil no caso de Santa Cruz do Sul, em razão de sua posição na cadeia do tabaco.

As cidades médias de Santa Cruz do Sul e Lajeado por sediarem estruturas descentralizadas das instituições públicas federais e estaduais que atuam na região, bem como por sediarem empresas locais e regionais e por atraírem filiais de empresas externas à região, possuem poder de comando e decisão sobre o conjunto da rede urbana regional. Por conta disso, influenciam ativamente a dinâmica de desenvolvimento territorial na escala da Região dos Vales, bem como participam de modo destacado na dinâmica de desenvolvimento territorial da região centro oriental do Rio Grande do Sul, pela sua proximidade com a região metropolitana de Porto Alegre.

REFERÊNCIAS

BELLET, Carmen; LLOP, Josep Maria. *Ciudades intermedias y urbanización mundial*. Edita: Ajuntament de Lleida, 2002.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Iª Conferência Nacional de Desenvolvimento Regional. *Documento de Referência*. Brasília: Secretaria de Desenvolvimento Regional, Julho, 2012.

CORRÊA, Roberto*. Estudos sobre a rede urbana*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2006.

_____. Os centros de gestão do território: uma nota. *Revista Território*. UFRJ, 1996. v. 01, n. 01, p. 23-30.

_____. Corporação, Práticas Espaciais e Gestão do Território. In: *Anuário do Instituto de Geociências*. UFRJ. v. 15, p.35-41, 1992.

COSENZA, J. P. A Eficácia Informativa da Demonstração do Valor Adicionado. Revista Contabilidade e Finanças. USP, São Paulo, Edição Comemorativa, p. 7–29, out. 2003.

DEMAZIÈRE, Christophe. O lugar das cidades pequenas e médias na investigação sobre o urbanismo. Um ponto de vista francês. In: SILVA, W.R. e SPOSITO, M.E.B. (Org.) *Perspectivas da urbanização: reestruturação urbana e das cidades*. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2017. p. 79-98.

GORENSTEIN, Silvia, HERNÁNDEZ, Jorge Luis e LANDRISCHINI, Gabriela (Org.). *Economía urbana y ciudades intermedias: Trayectorias pampeanas y norpatagónicas*. Buenos Aires: Ediciones CICCUS, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Centros de Gestão do Território*. Rio de Janeiro: IBGE. 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/redes_fluxos/gestao_do_territorio_2014/default.shtm?c=11>. Acesso em 10 jul. 2018.

_____. *Cadastro Central de Empresas 2013*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

_____. *Censo Demográfico do Brasil*. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>. Acesso em 10 jul. 2018.

_____. *Regiões de Influência das Cidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

LLOP, Josep Maria; USÓN, Ezequiel. (org). *Ciudades Intermedias. Dimensiones y definiciones*. Lleida: Editorial Milenio, 2012.

MARQUES DA COSTA, Eduarda. Cidades Médias: Contributos para a sua definição. *Revista Finisterra*. Lisboa: Universidade de Lisboa, v. XXXVII, n. 74, 2002, p. 101-128.

MOTTA, Diana; MATA, Daniel. Crescimento das cidades médias. *Boletim Regional Urbano*. Brasília: IPEA, n. 1, dez. 2008, p. 33-38. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/5525>. Acesso em 10 jul. 2018.

NEAL, Zachary P. *The Connected City: How Networks are shaping the modern metrópolis*. New York: Routledge, 2013.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de. e SOARES, Beatriz. Cidade média: apontamentos metodológicos e tipologia. *Revista Caminhos de Geografia*. Uberlândia, v. 15, n. 52, p. 119–133, dez/2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *La situación demográfica en el mundo – 2014*. Informe. New York: Nações Unidas, 2014.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: Sociedade e Território no começo do século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO, MOBILIDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL. Cadernos de Regionalização. Perfil da Região Funcional 2. 2016. Disponível:

<http://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/15134056-20150323173522perfil-rf2-27-02-2015.pdf>. Acessado em out, 2018.

SERVILLO L., ATKINSON R., Smith I., RUSSO A., SÝKORA L., DEMAZIÈRE C., HAMDOUCH A. *TOWN, small and medium sized towns in their functional territorial context*, Final Report. Luxembourg: ESPON, 2014

SPÓSITO, Maria Encarnação B. (org). *Cidades Médias: Espaços em Transição*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

SPÓSITO, Maria Encarnação B. e SILVA, William Ribeiro da. *Perspectivas da urbanização: Reestruturação urbana e das cidades*. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2017.